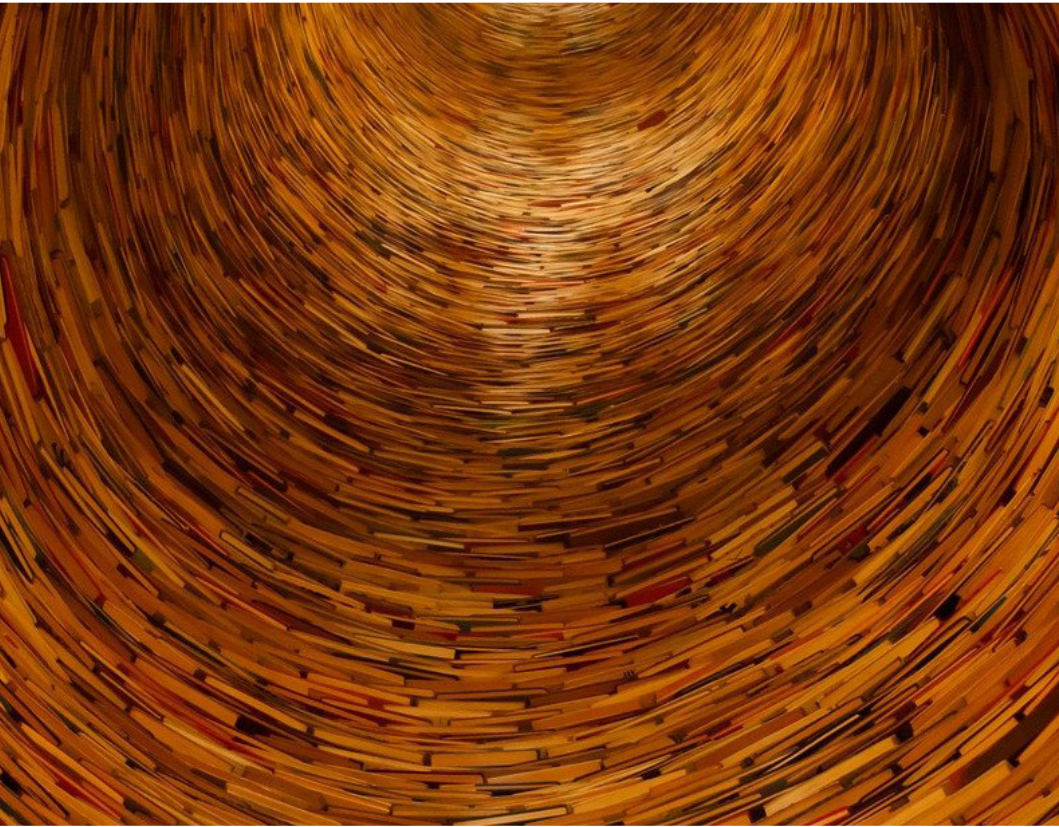


Cadernos **IHU** *ideias*



JESUÍTAS BRASIL

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 19 • nº 311 • vol. 19 • 2021



Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica

Faustino Teixeira



Cadernos
IHU *ideias*

**Aprendizados no campo da metodologia
de orientação acadêmica**

Faustino Teixeira

Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 19 • nº 311 • vol. 19 • 2021



Cadernos IHU ideias é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor: Pedro Gilberto Gomes, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XIX – Nº 311 – V. 19 – 2021

ISSN 1679-0316 (impresso)

ISSN 2448-0304 (online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial: MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

Responsável técnico: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Pixabay

Revisão: Carla Bigliardi

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues e Ricardo Machado

Impressão: Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003). – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003. . . v.

Quinzenal (durante o ano letivo).

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).

ISSN 1679-0316

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

1

32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil

APRENDIZADOS NO CAMPO DA METODOLOGIA DE ORIENTAÇÃO ACADÊMICA

Faustino Teixeira

Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião
Universidade Federal de Juiz de Fora - PPCIR/UFJF

Atuei por muitos anos na atividade acadêmica, desde os anos da PUC-RJ até meu ingresso na UFJF, em 1989. Tudo começou em 1978, quando ingressei no Mestrado em Teologia sob a preciosa orientação de João Batista Libanio, que foi quem sempre me incentivou nos caminhos da formação pessoal e acadêmica. Devo muito a ele em todo o meu aprendizado. Foi ele quem me estimulou a ir para a PUC-RJ e quem me incitou a fazer o doutorado em teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, iniciado em 1982.

Com ele aprendi os passos essenciais da metodologia acadêmica e dos segredos da orientação acadêmica. Foi ele quem me ajudou sobremaneira a quebrar os difíceis bloqueios na arte da organização e da redação. Foi a partir de seu impulso que fiquei mais leve, destemido e livre para poder ingressar nesse desafiante trabalho da exposição pública das ideias.

Tenho também que reconhecer a presença de dois outros grandes mestres na minha formação acadêmica: o meu orientador de doutorado, Felix Pastor, que pude conhecer ainda antes de ingressar na Gregoriana. Foi minha turma de mestrado que suscitou sua vinda para o ensino na PUC-RJ. Com maestria, ele ensinava um semestre no Brasil e outro em Roma, sendo responsável pela orientação de inúmeros doutores que atu-

am hoje na teologia no Brasil, América Latina e outros lugares do mundo. Com ele pude também aperfeiçoar o método que havia aprendido com o Libanio, curiosamente nomeado como “método eletrônico”. Isso num tempo em que não havia ainda computador. Tanto minha dissertação de Mestrado na PUC-RJ como o doutorado foram redigidos em máquina de datilografia. Um trabalho extremamente difícil, sobretudo no doutorado, com uma tese de 1.100 páginas sobre a experiência das CEBs no Brasil.

O outro professor que foi muito importante na minha orientação, que me orientou no pós-doutorado, foi Jacques Dupuis, docente na Gregoriana. Com ele pude desenvolver a arte da liberdade, da coragem e da ousadia. Escrever sem temor, evitando autocensuras ou bloqueios de outras ordens, que deterioram a criatividade e a abertura ao mundo. Dizia sempre em sala de aula: “Não sei ensinar o que eu não penso”. Esse mote me acompanha até hoje, e suscitou um caminho bonito em minha reflexão, que me traz alegria, serenidade e destemor.

Recordo-me ainda da presença de outro professor em minha vida, tão importante para o apoio na esfera metodológica, Clodovis Boff. Nossa turma de Mestrado na PUC-RJ, no final da década de 1970, teve o privilégio de contar com um corpo docente de excelência, que ajudou a formar uma boa parte dos leigos que atuam hoje na teologia brasileira. Entre eles, Clodovis Boff, que tinha retornado de seu doutorado na Bélgica, sob a orientação competente de Adolphé Gesché. Sua obra *Teologia e Prática (Vozes, 1978)* foi objeto de um curso no Mestrado, e toda a sua tessitura envolvia a questão metodológica. Certa vez, fui conversar com ele sobre o meu projeto de dissertação de Mestrado. Quando mostrei o esquema para ele, num toque de olhar, examinou o texto e deu-me um conselho certeiro: o tema estava amplo demais. Aconselhou-me a restringir-me ao primeiro capítulo, que tratava da origem das CEBs no Brasil, deixando os outros dois para um trabalho futuro no doutorado. Segui fielmente o seu conselho e assim ocorreu. São luzes que acontecem na vida acadêmica e que dependem muito dos mestres e orientadores que encontramos pelo caminho.

Em outro momento, já no doutorado, lembro-me que fui conversar com o meu orientador, Felix Pastor. Estava naquele momento meio travado na redação. Em menos de meia hora, a experiência do mestre discerniu o problema. Entrei com uma questão difícil, e saí com dois capítulos definidos. Outra luz na caminhada. E assim ocorre com os que têm o privilégio de encontrar um ambiente propício de receptividade e acolhida.

A partir desses exemplos, pude tecer o meu caminho de orientador, tendo a alegria de constatar que nunca perdi sequer um aluno no trabalho de orientação: 21 doutorados concluídos (1 em andamento), 33 mestra-

dos e algumas supervisões de pós-doutorado. Todos concluíram com sucesso os seus trabalhos, vencendo as crises, as dificuldades, a falta de horizontes. Tudo com base numa metodologia da paciência, buscando ouvir o outro, entendendo o seu momento, aguardando a reflexão chegar no seu devido lugar. Esse é um segredo bonito. Há uma passagem num livro de Rainer Maria Rilke que me ajudou muito a entender esse processo. Ele diz:

O senhor é tão moço, tão no início de tudo, e gostaria de lhe pedir da melhor maneira possível, estimado senhor, que tenha paciência com tudo o que é insolúvel em seu coração e que tente se afeiçoar às próprias questões como quartos trancados e como livros escritos numa língua bem desconhecida. Não busque agora as respostas; não lhe podem ser dadas porque não poderiam viver. E se trata de viver tudo. Viva agora as questões. Viva-as talvez aos poucos, sem notar, até chegar à resposta um dia distante¹.

A vida acadêmica é complexa, e nem todos estão preparados para avançar em seus meandros. Há casos de pessoas que precisam ser orientadas a perseguirem outros caminhos, evitando o excessivo desgaste de uma vida que vem alimentada por uma vocação. Esse discernimento é essencial, e o bom orientador percebe logo isso, e pode ajudar muito o aluno a encontrar o seu caminho.

Ter um mestre é essencial para esse crescimento pessoal. Há uma passagem clássica num livro que utilizo muito nos meus cursos sobre zen budismo, *A arte cavalheiresca do arqueiro zen* (Eugen Herrigel), na qual o autor relata a relação entre o discípulo e o mestre. Sinaliza que o caminho de aprendizado é áspero:

Muitas vezes, a única coisa que mantém o discípulo animado é a fé no mestre, em que só agora reconhece o domínio absoluto da arte: com sua vida dá-lhe o exemplo do que seja obra interior, e convence-o apenas com sua presença. Nessa etapa, a imitação do discípulo atinge a maturidade, conduzindo-o a compartilhar com o mestre o domínio artístico. Até onde o discípulo chegará é coisa que não preocupa o mestre. Ele apenas lhe ensina o caminho, deixando-o percorrê-lo por si mesmo, sem a companhia de ninguém².

Com a leitura de Herrigel pude perceber que o trabalho decisivo não pertence unicamente a nós, mas depende da criação de um clima propício em que algo pode acontecer e revelar horizontes novidadeiros. É o que ocorre, por exemplo, na arte do tiro com arco, que para seu sucesso

1 Rainer Maria RILKE. *A melodia das coisas. Contos, ensaios, cartas*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

2 Eugen HERRIGEL. *A arte cavalheiresca do arqueiro zen*. São Paulo: Pensamento, 1978.

é necessário penetrar na dimensão “espiritual”, interior. Há que ter despojamento e despreocupação. Diz Herrigel que a natureza misteriosa do tiro com arco está no “combate do arqueiro contra ele mesmo”³. E acrescenta que o mérito do tiro não pertence ao arqueiro, pois o sucesso desse “algo” que ocorre se processa com o eu “esquecido de si mesmo e de toda intenção”⁴.

É uma sabedoria ancestral, como podemos igualmente perceber no pensamento de Chuang Tzu, recolhido na obra de Thomas Merton a respeito. Uma reflexão que remonta a 2.500 anos na Ásia:

Quando um arqueiro atira sem alvo nem mira
está com toda a sua habilidade.
Se atira para ganhar uma fivela de metal
Já fica nervoso.
Se atira por um prêmio em ouro
fica cego ou vê dois alvos –
está louco.

Sua habilidade não mudou. Mas o prêmio
cria nele divisões. Preocupa-se.
Pensa mais em ganhar
do que em atirar –
e a necessidade de vencer
esgota-lhe a força⁵.

Ainda com Rilke aprendi algo que se relaciona profundamente com tudo o que referi aqui. O trabalho acadêmico profundo requer condições fundamentais, a começar pelo cuidado com o mundo interior. Em sua sétima elegia de Duíno, sublinha que o mundo só existirá “interiormente”⁶. É também o conselho que ele dá ao candidato a jovem poeta:

Procure entrar em si mesmo, investigue o motivo que o manda escrever; examine se estende suas raízes pelos recantos mais profundos de sua alma; confesse a si mesmo: morreria, se lhe fosse vedado escrever? Isto, acima de tudo, pergunte a si mesmo na hora mais tranquila da sua noite: ‘Sou mesmo forçado a escrever?’. Escave dentro de si uma resposta profunda⁷.

3 Ibidem, p. 17.

4 Ibidem, p. 64.

5 Thomas MERTON. A via de Chuang Tzu. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

6 Rainer Maria RILKE. Elegias de Duíno. 6. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2013, p. 63.

7 Rainer Maria RILKE. Cartas a um jovem poeta. A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristovão Rilke. 4. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2013.

É a partir de tais pressupostos que posso apontar aqui algumas pistas que fui percebendo ao longo de minha trajetória acadêmica para ajudar no trabalho delicado de orientação dos alunos. Servir-me-ei aqui, sobretudo, das agudas reflexões tecidas por João Batista Libanio em dois livros que foram lume na minha trajetória pessoal e na minha atividade de orientador acadêmico. São os livros: *A arte de formar-se* (2001) e *Introdução à vida intelectual* (2001). Ao final, partilho algumas notas pessoais que fui passando para os meus orientandos ao longo de minha atuação aqui na UFJF, no programa de pós-graduação em ciência da religião.

As condições para o trabalho acadêmico: pistas abertas por João Batista Libanio

Em precioso livro sobre *A arte de formar-se* (2001), João Batista Libanio levanta uma questão fundamental para aqueles que buscam ingressar com seriedade no mundo acadêmico, e sobretudo no mundo da produção escrita. Trata do que significa aprender a conhecer e a pensar. É o tema do capítulo primeiro de seu livro. Retoma a ideia de que estamos numa cultura da informação, que requer muita atenção, lucidez e capacidade de reflexão objetiva e de síntese. Estamos todos envolvidos num ciclo de informação que é impressionante. O desafio é aprender a relacionar e a contextualizar. As coisas estão aí e nos oferecem lições, que Libanio sintetiza com felicidade: as coisas e seu mundo exterior podem nos educar significativamente, desde que tenhamos um olhar lúcido sobre elas. Elas “educam-nos o sentido da observação”, e esse caminho de educação passa pela tranquila observação. No processo de aprendizado das coisas é que processamos a dinâmica de modificar nossa atitude diante delas.

Na visão de Libanio, “pensar é analisar e sintetizar, separar e unir”. Acionar o pensamento criativo é estar sempre em suspensão com as certezas absolutas, ou seja, saber com clareza criar uma argúcia da desconfiância crítica permanente. Isso possibilita o acesso à complexidade do real, com suas nuances singulares. Para tanto, o caminho do desenvolvimento da capacidade de relação:

Relacionar é superar uma visão dualista que pensa o mundo sempre divididamente entre sujeito e objeto, material e espiritual, natureza e cultura, ser humano e mundo, razão e emoção, feminino e masculino, mente e corpo, transcendência e imanência etc. Positivamente, significa articular o máximo possível entre esses polos⁸.

8 João Batista LIBANIO. *A arte de formar-se*. São Paulo Loyola, 2001, p. 31 (nesta parte estamos concentrados no capítulo primeiro de seu livro).

O pesquisador deve se dar conta de que se encontra num “mundo de incertezas”, e toda a calma, paciência e discernimento devem envolver o trabalho de reflexão. O clima que deve envolver o pensar é de radical repulsa a qualquer dogmatismo e inflexibilidade na reflexão. Há que estar sempre aberto e disponível para colocar-se em questão, a todo tempo. É o caminho de situar-se num horizonte complexo. Serve também de ajuda para o pesquisador o precioso livro de Otto Maduro, *Mapas para a festa*, em que aborda reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento⁹.

Em livro mais específico sobre a vida intelectual, Libanio conseguiu a proeza de favorecer um guia introdutório que considero excepcional para os que buscam o trabalho acadêmico e de redação¹⁰. O livro é a rota que me inspirou a escrever essas linhas do artigo, e nele me baseio. No capítulo primeiro, trata das atitudes fundamentais da vocação intelectual. Indica que diferentemente da profissão, que envolve preparação técnica, competência e eficiência, a vocação, por sua vez, “fala de decisão e realização pessoal, chamado interior, paixão, amor e gosto pelo que se faz”¹¹. O que alimenta a vocação é a motivação, e esta é essencial para os que se dirigem ao trabalho acadêmico. Há que ter motivação para o sucesso de qualquer empreitada. Vemos, com certa tristeza, que muitos alunos buscam o seu caminho na pós-graduação sem se ater devidamente a tal dispositivo, mas acabam por inserir sua pesquisa tendo em conta não a sua motivação, mas as linhas de pesquisa que estão disponíveis nos programas a cujo ingresso almejam.

Em razão disso, a escolha dos temas nem sempre se coaduna com a vocação específica do egresso, e isso produz fadiga e dispersão, quando não desânimo e desistência. É algo sério que vem ocorrendo no Brasil. E em casos de programas ligados a faculdades particulares, muitas vezes os orientadores são provocados a orientarem dissertações ou teses que extrapolam o seu campo específico de conhecimento, dificultando muito o trabalho preciso da orientação. Dentre os desafios de uma vocação intelectual está o de reconhecer que o prazer pela pesquisa deve envolver o estudante integralmente, produzindo a necessária temperatura vital para o sucesso da pesquisa. É um caminho que implica “disciplina, responsabilidade, de horas de estudo, de tenacidade, de vigílias, de trabalho, de

9 Otto MADURO. *Mapas para a festa. Reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1994.

10 João Batista LIBANIO. *Introdução à vida intelectual*. São Paulo: Loyola, 2001.

11 *Ibidem*, p. 27.

aplicação”¹². Como bom jesuíta, Libanio nos adverte que “uma vida intelectual bem regrada amadurece a personalidade”¹³.

Dentre as exigências de uma vocação intelectual está o firme desejo de tomar a sério a “decisão de querer pensar”, e isto começa pelo árduo trabalho de leitura, “despojando-se, enquanto possível, dos preconceitos ideológicos, religiosos e dogmáticos”¹⁴. E aqui cabe o exemplo singular do pensamento de Otávio Velho, que sugere uma antropologia apofática, que se despe de preconceitos intelectuais prévios, que acabam por condicionar negativamente a pesquisa. Em vez de o pesquisador atender ao campo, ele acaba por querer provar no campo a literatura prévia que marcou o seu conhecimento, tentando enquadrar a visão no conhecimento e perdendo a possibilidade de se admirar com a novidade captada no real. Otávio Velho defende uma perspectiva que se define pelo “esforço de empatia” e de aperfeiçoamento do “ouvido musical” para a religião. Adverte que o campo do estudo da religião vem demarcado por uma “absoluta impossibilidade” de manutenção de uma “postura de mera observação”. O que para determinado olhar pode indicar uma limitação “nativa”, revela, na realidade, a ampliação do quadro de compreensão do fenômeno analisado¹⁵.

Não sem razão, Otávio Velho vem postulando ultimamente uma “antropologia apofática”, que silencia um pouco mais a teorização e o conhecimento prévio, em favor da captação do que há de imprevisível e surpreendente no mundo do outro. Faz uma crítica ao processo crescente de escolarização em programas de pós-graduação em antropologia, em que o foco deixou de ser o trabalho de campo. Com base nos trabalhos de Tim Ingold, chama a atenção ao sempre fundamental aprendizado de “ver as coisas”, de ouvi-las e senti-las de forma sempre novidadeira. Indica que “o reconhecimento do outro não pode ser apenas intelectualista e que se assim o for, corremos o risco de a nossa atividade ser atingida no que ela tem de mais precioso”¹⁶.

Retomando Libanio, temos que nos dar conta de que nos inserimos num campo de superespecialização, que acaba complicando o trabalho de síntese e recolhimento do aluno, diante de um excesso de informações disponibilizadas pela internet. Saber pensar é ter sempre o pé no chão,

12 *Ibidem*, p. 32.

13 *Ibidem*, p. 29.

14 *Ibidem*, p. 44.

15 Otávio Velho. O que a religião pode fazer pelas ciências sociais. In: Faustino Teixeira (Org.).

A(s) ciência(s) da religião no Brasil. São Paulo: Paulinas, 2001, pp. 233-250; Rita Segato.

Um paradoxo do relativismo: o discurso racional da antropologia. *Religião e Sociedade*, v. 16, n. 1-2, 1992, pp 114-135..

16 Otávio Velho. *Trajatórias e diversidade: um caso brasileiro*. Mimeo, p. 8.

buscando “situar os problemas, as realidades em seus contextos”. Evitar toda e qualquer unidimensionalização no trabalho reflexivo. Há que se abrir ao máximo para o mundo interdisciplinar e multidisciplinar: “Trata-se de criar um *habitus mentis* de nunca abordar uma questão fora do conjunto em que se situa. Numa imagem simples: nunca se dependura um cabide sem antes estender o varal”¹⁷.

Para o sucesso do trabalho, um passo decisivo é a “cultura do estudo e da leitura” e um cuidadoso trabalho de uso do tempo. O trabalho intelectual tem que ser decidido, programado e cumprido. Diz Libanio que a primeira regra é não jogar fora o tempo: “Saber tomar o tempo necessário para as ações conforme sua natureza, sem sacrificá-lo em nome de uma lógica da eficácia”¹⁸. Essa questão do tempo é de prioridade. Indica Libanio que

tem-se sempre tempo para o que é prioritário. O dia tem horas igualmente para todas as pessoas. Toca-lhes dividi-lo em atividades. Para as atividades escolhidas para caber dentro de 24 horas, ter-se-á sempre tempo. Para as descartadas, não se encontra tempo. Logo o problema não é falta de tempo, mas de localização das ações no interior do quadro temporal¹⁹.

De forma sábia, Libanio assinala que “as atividades não requerem o mesmo tipo de energia, atenção, qualidade de empenho”. Quando nos debruçamos sobre estudos mais teóricos e especulativos, a demanda é maior. Ele assevera:

Quanto mais repousada e descansada alguém tiver a mente, de quanto mais silêncio e tranquilidade dispuser, quanto mais agradável e recolhido for o ambiente, tanto mais valioso será esse tempo de estudo. Sua rentabilidade costuma ser maior. Portanto, a qualidade do tempo se mede pelas circunstâncias favoráveis ou não à atividade intelectual²⁰.

De sua longa experiência no campo da orientação, bem como de sua presença ativa nos trabalhos de assessoria pastoral e vivência jesuíta, Libanio guarda consigo alguns valores que são fundamentais: a honestidade como passo essencial; uma abordagem de aproximação do objeto de pesquisa de forma aberta e sem preconceito; uma preocupação de penetrar no pensamento do outro, buscando captar sua lógica interna e suas demandas; e o cuidado decisivo de honestidade da exposição de seu pensamento, evitando distorções, plágios ou equívocos. E nesse pro-

17 João Batista LIBANIO. Introdução à vida intelectual, p. 48.

18 *Ibidem*, p. 58.

19 *Ibidem*, p. 59.

20 *Ibidem*, p. 60.

cesso dinâmico, o esforço contínuo para “reformular de diversas maneiras a mesma questão”²¹.

No âmbito da estruturação da questão a ser trabalhada, outros requisitos se colocam para o pretendente ao trabalho acadêmico. Trata-se de saber com clareza qual o objeto que pretende investigar ao longo do tempo estabelecido para o trabalho. É necessário encontrar, com precisão, um marco referencial. Ele é “o resultado da organização das experiências, teorias, reflexões, ideias, dos pontos de vista, práticas, valores que alguém vai acumulando durante sua história humana”²². É o momento crucial de se “captar o sentido do problema, a estrutura teórica da questão”. Tudo há de convergir num “esquema claro, didático, lógico do tema, no qual as partes estejam bem articuladas entre si”²³. O recurso ao dicionário é sempre essencial, inclusive para ruminar as palavras-chave que vão orientar o roteiro. Nesse campo, aconselho sempre aos alunos o precioso Dicionário analógico da língua portuguesa²⁴. É uma dica preciosa sobretudo para o momento da redação do trabalho.

Trabalhar com alegria e empenho exige do pesquisador esse incentivo no âmbito emocional. A assimilação profunda ocorre quando os novos elementos que vão emergindo integram-se no “marco referencial da pessoa”. Há que atender, de forma séria e dedicada, às condições externas de descanso. Libanio, como jesuíta regrado, sinaliza isso como essencial. Só quando o corpo colabora, o trabalho encontra o clima propício para sua realização. Diz Libanio que “é fundamental manter a saúde física e psíquica, não só evitando o esgotamento como também cuidando de manter o organismo e o psiquismo sadios”²⁵. O tempo dedicado ao descanso é indispensável: “O descanso merece grande cuidado”. E a regra geral é: “O descanso se faz pelo oposto”²⁶. Cansaço físico pede repouso. Cansaço psíquico pede exercício físico”²⁷. E ele exemplifica:

As pessoas cuja atividade principal é física descansam vendo TV, filmes, lendo coisas leves que distraiam. Quem, por outro lado, empenha suas energias fundamentais nas atividades intelectuais, desopila por meio do esporte, da ginástica, do contato com a natureza, de passeios e não ficando diante da TV, da internet, fechando-se em salas de cinema ou mesmo dedicando-se a leituras de distração, ainda que tais atividades sejam mais leves do que o estudo empenhativo.

21 Ibidem, p. 124.

22 Ibidem, p. 125.

23 Ibidem, p. 124.

24 Francisco Ferreira dos Santos AZEVEDO. Dicionário analógico da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

25 João Batista LIBANIO. Introdução à vida intelectual, p. 130.

26 Libanio utilizava sempre a expressão: “per oppositum” para arrolar essa importante questão.

27 João Batista LIBANIO. Introdução à vida intelectual, p. 130.

Seguem outros conselhos importantes:

À noite, cultivar atitudes tranquilas e repousantes, como leituras de espiritualidade, dos místicos, de poetas, ou ouvir música, dar passeios gratificantes, curtir conversas agradáveis. Música barulhenta, filmes violentos e emocionais, leituras de textos difíceis, redação de trabalhos exigentes, estudos pesados são desaconselhados, em geral na parte da noite, pois afetam negativamente o descanso do sono.

Os grandes místicos, como Thomas Merton, na sua experiência espiritual, louvam o cuidado com o tempo da gratuidade, essencial para propiciar o clima pessoal para o trabalho intelectual. São aparentemente contraditórios, mas se irmanam profundamente na preparação do mundo interior. Diz Merton que “não é só a ação ou a experiência que enriquecem o nosso ser. Tudo depende da qualidade dos nossos atos e experiências”²⁸.

Uma forma de driblar ou vencer nossa tendência dispersiva ou desordenada é saber encontrar as pausas fundamentais no ritmo de nosso trabalho. Sinaliza Merton que

há ocasiões, portanto, em que, para guardarmos a nossa existência, temos simplesmente de ficar sem fazer nada. E para um homem que se deixou arrastar completamente fora de si por sua atividade, nada é mais difícil do que ficar em sossego, sem fazer nada. O próprio ato de repousar é o ato mais difícil e mais corajoso que ele pode realizar: e, muitas vezes, está acima de suas forças²⁹.

Diz com acerto que a felicidade não é resultado da intensidade, mas do equilíbrio interior. E isso é fundamental para o trabalho acadêmico.

Retomando o livro de Libanio, ele sinaliza ainda a atenção à dose certa de realismo para cada pessoa. Cada um tem seu estilo. No meu caso, o momento mais rico para a concentração e a escrita é o período da manhã, logo bem cedo. Outros têm experiências positivas diversas. O correto é encontrar o caminho adequado para cada um, mas buscando sempre equilibrar o trabalho com o descanso. Não sem razão, o papa Francisco, em suas últimas reflexões, tem acentuado um risco sério de nosso tempo, que é o da “rapidación”, do ritmo super acelerado das coisas e das pessoas que estão no trabalho. A velocidade que hoje se impõe a todos, nessa louca lógica da produtividade excessiva, “contrasta com a lentidão natural da evolução biológica”³⁰.

28 Thomas MERTON. *Algun homem é uma ilha*. Campinas: Verus, 2003, p. 113.

29 *Ibidem*, p. 114.

30 Papa FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato si'*, sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015, n. 18.

Em sua obra conjunta com Déborah Danowski, o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro faz menção ao que considera “um dos debates mais apaixonantes atualmente em curso” que gira em torno da “velocidade da história”. Como “gesto barreira”, indica uma perspectiva de desaceleração, visando uma “ecologia política do ralentamento”³¹. Os italianos falam com propriedade da necessidade de uma decrescita felice.

As repercussões disso no mundo acadêmico são desastrosas. O que vemos por todo canto são alunos e docentes adoecendo diante das infundas cobranças de produtividade e de eficácia. As exigências dos centros de fomento, com pressões sobre os diversos programas, são inúmeras e cada vez mais rigorosas. Os tempos urgem, são curtos, e os pesquisadores têm que se integrar na marra, com o risco de perder bolsas, financiamentos e mesmo credenciamentos no ensino. Quem sai mais prejudicado, a meu ver, é a produção acadêmica, que se torna mais pobre, superficial e sofrida, delineando um perfil de pesquisador focado apenas no seu trabalho, e desinteressado na abertura relacional. Isso se vê com frequência nos congressos acadêmicos, em que os pesquisadores correm de GTs em GTs, munidos de suas pesquisas, sem ter o tempo devido para acalantar e arranjar dentro de si o espaço para a reflexão serena e desapegada.

Em seu livro, Libanio chama a atenção para outro detalhe importante, nem sempre viável em nosso tempo de acomodações mais precárias. Trata-se da questão do ambiente para o estudo. O ambiente geral é essencial. Buscar uma atmosfera tranquila, que seja um incentivo de animação e empenho. A atmosfera deve entrar a favor. Ajuda muito manter aceso um circuito positivo de relações humanas, de amizade, o que enriquece o tônus sadio para o trabalho. É o que Peter Berger chama com acerto de “estruturas de plausibilidade” e um “aparelho conversacional” ativo³². Criar tais atitudes de apoio constitui caminho seguro para aumentar o rendimento dos estudos.

Os orientadores da pesquisa devem atender a um dado muito importante no trabalho de contato com os alunos. Ajudá-los a compreender que a produção literária é um “fator fundamental de personalidade”. Isto pode ajudar ou inibir a atividade criativa. Indica Libanio que

uma vez que alguém se aventure no mundo das publicações, cai imediatamente sob possíveis críticas, quer quanto a suas ideias, quer quanto à sua maneira de escrever. Pessoas inseguras, perfec-

31 Déborah DANOWSKI & Eduardo VIVEIROS DE CASTRO. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis/São Paulo: Cultura e Barbárie/ISA, 2014, p. 148.

32 Peter L. BERGER. Rumor de anjos. A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 65-69.

cionistas, obsessivas, rigoristas têm enorme dificuldade de escrever e publicar seus escritos. Nunca os julgam suficientemente bons para tal. Temem o mínimo sinal de rejeição, que pode ser sentido na crítica. Psicanalistas alertam-nos para o enorme temor que o ser humano tem de ser rejeitado. Prefere então nunca escrever nem publicar nada, com medo de ser criticado. Escrever, portanto, antes de tudo é um fator de personalidade³³.

Outra dica preciosa vem de Michel Beaud, no seu livro: *Arte da tese* (1994)³⁴. O autor assinala que toda produção intelectual tem que preservar o mínimo de encantamento e gratuidade. Deve nascer do coração, com motivação forte. Imaginar que o tema escolhido terá que motivá-lo por muitos anos, e que vai fixar-se na pele como uma tatuagem³⁵. Fundamental, igualmente, é saber escolher o orientador da pesquisa. Deve ser alguém dotado de capacidade, sensibilidade e estratégia bem definidas para ajudar o aluno a vencer as diversas barreiras que enfrentará ao longo de sua via. O orientador é um elemento essencial para o sucesso de um trabalho: alguém que “enfaticamente influenciará, marcará, facilitará ou atrapalhará” o início da carreira de um profissional da área.

O autor lembra ainda outro dado bem significativo, que também aprendi com meus orientadores: a escolha do assunto. Ele “não deve ser nem tão amplo que não se consiga abarcá-lo com pertinência, nem tão restrito que não tenha substância, arriscando-se a uma prolixidade vazia”³⁶. Pela minha experiência no campo, sempre orientei meus alunos a trabalharem um tema num autor. É bem mais simples e plausível para a execução de um tema.

Igualmente Umberto Eco, no seu clássico trabalho *Como se faz uma tese*³⁷, assinala que uma boa tese se constrói na dinâmica de interação profunda com o orientador do trabalho. A escrita de uma tese é um “exercício de comunicação”, num processo de interação, abertura e aprendizado. O estudante que se propõe a apresentar um projeto de dissertação ou tese deve estar bem consciente do horizonte que tem pela frente. Como diz Umberto Eco, “quem quer fazer uma tese deve fazer uma tese que esteja à altura de fazer”. Há que saber colocar claramente o problema inicial, e se acerrar das condições para a realização do pretendido. E também não esquecer da questão das línguas exigidas pelos programas para a realização da pesquisa. Daí a importância de estar atento para os requisitos linguísticos que o tema apresentado vai exigir do candidato.

33 João Batista LIBANIO. *Introdução à vida intelectual*, p. 164.

34 Michael BEAUD. *Arte da tese*. Bertand do Brasil, 1994.

35 *Ibidem*, p. 25.

36 *Ibidem*, p. 167.

37 Umberto ECO. *Como se faz uma tese*. 23. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Muitas vezes escolhe-se o tema, que implica utilização de recursos linguísticos complexos, sem se dar conta dos riscos que estão implicados.

Outro grande pesquisador nesse campo da metodologia, Ciro Flamarion Cardoso, indicou caminhos pertinentes para a execução de projetos acadêmicos num artigo precioso, publicado pela Universidade Federal Fluminense: Como elaborar um projeto de pesquisa³⁸. Dentre os critérios que presidem a escolha de um tema, ele enumera o critério de relevância, o critério de viabilidade e o critério de originalidade. Enumera também os elementos que devem estar presentes num projeto sério: a identificação do problema, os objetivos propostos, as hipóteses de trabalho, o quadro teórico, as fontes e metodologia, o cronograma de execução e o referencial bibliográfico.

Na obra já citada, Libanio enumera igualmente os passos que devem marcar a estruturação do trabalho acadêmico. Indica que o trabalho deve obedecer a regras estruturais, com lógica interna bem delimitada e definida. É o desafio de superar um conhecimento mais genérico para um conhecimento elaborado e sistemático. Apresento aqui em forma pontual alguns dos passos que ele indica para a elaboração de um tema ou projeto: estabelecer um quadro maior da problemática, estabelecer um nexos ou relação com uma questão imediatamente anterior e com a seguinte, definir os conceitos, definir o problema específico³⁹. Em seguida ocorre o desenvolvimento do trabalho, dando-se conta das consequências envolvidas no processo. O trabalho se enriquece também quando se apontam alguns problemas conexos e já se consegue prever as objeções que poderão surgir pelo caminho. E nunca esquecer de distribuir bem o tempo para o trabalho concreto⁴⁰.

Num dos capítulos finais de seu livro, Libanio aborda propriamente a questão da confecção do trabalho, com pistas importantes, envolvendo os aspectos epistemológicos e didáticos. Chama a atenção para o rigor do trabalho científico, a qualidade do trabalho, a correção da linguagem. Indica que o estudante deve demonstrar “que percebeu bem e conhece o assunto e sabe formulá-lo de modo pessoal e próprio. A originalidade não consiste tanto na ideia nunca antes dita, mas muito na maneira peculiar de organizar o tema”⁴¹. Insiste para que o texto apresentado seja “conciso, enxuto, sem divagações ou repetições”. E não ter temor ou receio de

38 https://www.historia.uff.br/stricto/files/CARDOSO_Ciro_Como_elaborar_projeto_pesquisa.pdf (acesso em 25/12/2020).

39 João Batista LIBANIO. Introdução à vida intelectual, p. 203-206.

40 *Ibidem*, p. 201-202.

41 *Ibidem*, p. 223.

cortar todo e qualquer excesso. O que vale é a “lei da economia das palavras”.

Como conselho, indica a importância de começar sempre pelo texto, deixando a introdução e a conclusão para o final, mas sempre tendo por perto o esquema geral definido com anterioridade. E que cada parte do trabalho guarde entre si uma progressividade. Há que manter um fio condutor seguro. Deve-se buscar também uma linguagem e estilo agradáveis⁴². Assegurar a consciência de que o trabalho não é fixo, mas aberto a contínuas mudanças e transformações, que devem estar previstas. São preciosos os conselhos dados por Libanio para a redação da introdução e conclusão do trabalho, e vale a pena se concentrar sobre eles no momento final do trabalho⁴³.

O método eletrônico

Com base no meu trabalho de orientação, ao longo de mais de três décadas, da PUC-RJ à UFJF, elaborei um esquema sucinto para ajudar meus orientandos no trabalho de elaboração do projeto de pesquisa. O objetivo proposto, sempre em conversa com as turmas de orientação, foi de encontrar um esquema de trabalho. Sempre considerei o sumário das dissertações e teses como o esqueleto central do trabalho a ser desenvolvido. Para facilitar o debate, tive como hábito regular de encontrar-me mensalmente com todos os meus orientandos do período para discutirmos os passos das pesquisas de cada um. Esse foi um segredo capital para o sucesso no trabalho de orientação. Fui compensado pela pronta seriedade de todos, que nunca deixaram de participar das reuniões para discutir as questões da redação de cada um.

Ao longo de minha experiência, busquei elaborar um esquema de ajuda para a turma, com as dicas que fui captando no processo de comunicação e orientação. Decidi deixar o esquema como foi sempre apresentado a eles, sem maiores desenvolvimentos. Defini os seguintes passos:

1. Montar o quadro referencial bibliográfico: dois tipos de procedimentos

- a) Elaborar uma bibliografia por ordem de chegada
- b) Elaborar o fichário definitivo da bibliografia em ordem alfabética

42 Ibidem, p. 221-226.

43 Ibidem, p. 230-231.

Indico aos alunos trabalharem com folhas de cor distinta para a elaboração dessas duas bibliografias. Quando falo em ordem de chegada, quero dizer o seguinte. Na medida em que o aluno vai encontrando um artigo, texto, livro ou capítulo de livro que vai utilizar no trabalho, ele vai acrescentando na página, sem preocupação de ordem alfabética, mas numerando a ordem de chegada do texto. Simultaneamente, em outra página, vai elaborando a bibliografia em ordem alfabética, que facilitará muito a montagem do referencial bibliográfico utilizado no trabalho.

2. Após certo domínio de leitura sobre o tema escolhido, o pesquisador já pode elaborar um esquema provisório da dissertação ou tese. É um passo dos mais complexos, exigindo dos alunos muita concentração e determinação. Por minha experiência no campo, pude verificar que para ganhar sua forma “definitiva” o aluno passa por várias experimentações. Tive caso de alunos que chegaram a propor mais de 30 roteiros diferentes, até poder encontrar o definitivo. E aconselho cada aluno a guardar a memória desse trabalho, para se dar conta da evolução adquirida.

O sumário:

Introdução (1)

1.....

1.1. (3)

1.2. (5)

1.3. (7)

2....

2.1. (9)

2.2. (11)

2.3. (13)

3....

3.1. (15)

3.2. (17)

3.3. (19)

Conclusão (21)

O esquema apresentado segue, em geral, o sumário de uma dissertação de Mestrado, com três capítulos. Para cada item do sumário indica-

-se um número, o que está entre aspas ao lado do tópico preciso. Enumeram-se então os diversos tópicos de forma a possibilitar a inserção de um novo número, caso seja necessário, em razão do desenvolvimento do trabalho. O ideal é que a numeração seja feita de dois em dois números, como no quadro acima. E que esse esquema possa ser o definitivo, para não se perder o aproveitamento da leitura feita até então.

3. Uma vez procedido o esquema, montar pastas para cada item, com a indicação precisa na capa da pasta sobre o tema a ser trabalhado, e o período previsto para a sua redação. Cada item do sumário se transforma numa pasta, que pode ser um envelope pardo ou de outra cor, onde as referências bibliográficas referentes àquele determinado ponto estarão inseridas. Em cada pasta serão anexadas as folhas com a indicação precisa da fonte relacionada ao tema em questão, utilizando-se o nome dos autores trabalhados, o código da bibliografia de chegada, com a referência das páginas onde a questão vem situada. No caso exemplificado, teremos 11 pastas, já incluindo aquelas referentes à introdução e à conclusão.

Com o tempo o pesquisador vai saber de memória a que tema relaciona tal número do código do esquema utilizado. Esse número poderá ser afixado a lápis nos próprios textos ou livros trabalhados, de forma a facilitar a pesquisa. Por exemplo, se ao ler determinado livro o pesquisador reconhece que o tema tem a ver com determinado item do sumário, ele numera a lápis no próprio livro o número que está na numeração (veja o número em parênteses), para depois ser recolhido, mediante fotocópia ou anotação, com o acréscimo na pasta correspondente. Para facilitar o trabalho das pastas, é conveniente ampliar o esquema de cada pasta com a indicação precisa do conteúdo contido na página indicada. Isso pode acontecer mediante uma síntese do próprio pesquisador ou mesmo utilizando-se o recurso do xérox da página mencionada. E manter viva a atenção para o modo como a citação vem inserida. Se for literal, manter sempre as aspas. Se for um breve resumo feito pelo pesquisador, será necessário voltar à fonte indicada para fazer a citação correta.

Com o tempo as pastas vão ganhando aos poucos um conteúdo teórico significativo. Quando elas estão cheias, significa que o tema tem plausibilidade. Quando não há conteúdo nas pastas, ou esse é muito precário, significa que o tema não tem pertinência. Pode também ocorrer que uma determinada página tenha muito material, isso pode ser um indicativo da necessidade de subdividir o tema, criando-se uma nova pasta, que indica um novo item, a ser acrescentado no sumário. O fato de numerar deixando a possibilidade de uma nova inserção de número ajuda muito.

A partir daí se dá início ao processo redacional: cada pasta vai, na verdade, significar um artigo a ser redigido. Quando se dá início à redação, o conteúdo das outras pastas cai no esquecimento. O pesquisador vai concentrar toda sua atenção e energia na elaboração da redação da pasta em questão. Aconselho os pesquisadores a fazer várias leituras do conteúdo da pasta e depois numerar todos os itens, em ordem crescente, num fichamento extenso, que demanda tempo, mas que será recompensado pela facilidade posterior de redação.

Em seguida, vem o difícil exercício de encontrar eixos fundamentais no conteúdo descrito, e em torno deles reunir as citações que vão nessa mesma linha. Ou seja, trata-se agora de organizar os eixos que vão formar os vários parágrafos ou partes do artigo. Uma vez definidos os eixos, agora é concentrar-se para encontrar a melhor distribuição dos temas em ordem progressiva de compreensão, para que a redação tenha uma progressividade.

4. Para facilitar ainda mais a compreensão, sintetizo um exercício de elaboração de um artigo (que no caso pode ser uma parte do esquema já elaborado pelo pesquisador).

a. Captar o material bibliográfico relacionado ao tema a ser desenvolvido (livros e artigos).

b. Fazer um preciso fichamento de todo o material bibliográfico relacionado ao tema, tanto nos livros como nos artigos.

c. Buscar criar frases que resumam os conteúdos, sempre iniciadas com um ponto, que será depois numerado. Evitar frases muito longas. O ideal é não ultrapassarem duas linhas. Ao final de cada frase é necessário indicar de forma precisa o livro ou artigo citado e a página de referência.

d. Uma vez realizado o fichamento, que leva tempo e exige paciência, fazer várias leituras das folhas até encontrar temas chaves que sirvam para a elaboração do esquema de trabalho.

e. Depois de nuclear os vários temas, definir de forma clara a sua ordem, de modo que favoreça um bom encaminhamento da redação.

Para facilitar o entendimento dos leitores, partilho aqui um exercício preciso de gestação de um artigo que escrevi sobre Ernesto Cardenal. Isso para favorecer a visualização do processo que rege a redação de um determinado texto.

Visualização:

Artigo: O Cântico Espiritual de Ernesto Cardenal⁴⁴

Referências:

1. Luce López-Baralt. El cántico místico de Ernesto Cardenal. Madrid: Trotta, 2012.
2. Sylma García González. “Yo tuve una cosa con él y no es un concepto”. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert, 2011.
3. Ariana Fabbri. “Y son cosas que los que se aman se dicen en la cama”. La poesia mística de Ernesto Cardenal. Tesi dottorale. Università di Bologna, 2007.
4. Maria Enrica Castiglioni. Para qué metáforas? La poetica de Ernesto Cardenal
5. Teófilo Cabestrero. Ministros de Deus, ministros do povo. Petrópolis: Vozes, 1983.
6. Ernesto Cardenal. La santidad de la revolucion. Salamanca: Sigueme, 1976.
7. Ernesto Cardenal. O evangelho de Solentiname. Madrid: Trotta, 2006.
8. Ernesto Cardenal. Vida Perdida. Memorias 1. Madrid: Trotta, 2005.
9. Ernesto Cardenal. Las ínsulas extrañas. Memorias 2. Madrid: Trotta, 2002.
10. Ernesto Cardenal. La revolución perdida. Memorias 3. Madrid: Trotta, 2004.
11. Thomas Merton & Ernesto Cardenal. Correspondência (1959-1968). Madrid: Trotta, 2003.

Fichamento dos textos, segundo os temas relacionados:

1. Luce López-Baralt. El cántico místico de Ernesto Cardenal. Madrid: Trotta, 2012.
 - (1: 32)
 - (1:45)
 - (1:64)
 - (1:72)
 - (1:110)

44 Esse era o nome inicial. Depois modificou-se. Aliás, o nome do artigo vem sempre por último. Faça sempre um nome provisório, que depois sofre aperfeiçoamento.

2. Sylma García González. “Yo tuve una cosa con él y no es un concepto”. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert, 2011.

- (2: 77)
- (2:81)
- (2: 97)
- (2: 110)
- (2: 88)

Depois de feito o fichamento geral, a atenção se volta para a nucleação dos eixos que vão possibilitar a reunião dos itens que se relacionam com o tema em questão. Essa nucleação vai favorecer o processo de construção do artigo. Os eixos deverão estar inseridos num esquema que garante sua progressividade e lógica interna. Exemplifico abaixo:

1. Sua importância como místico

- . Cardenal, um místico em sentido estrito da palavra (1:25)
- . A crítica, em geral, deixa de lado essa dimensão estritamente mística de Cardenal (1:12)
- . E essa dimensão mística vem suscitando hoje um crescente interesse na crítica (1:12-13)
- . O crescente interesse da crítica nesta perspectiva mística de Cardenal (2:9)

2. A especificidade da experiência mística

- . A inefabilidade essencial da experiência mística (1:26)
- . As experiências místicas como “caprichos de Deus”, acessíveis tb àqueles que não são santos (1:15)
- . As características fundamentais da experiência mística: sua essência inefável, sua qualidade noética e seu traço efêmero (1:32)
- . O místico e a limitada força da linguagem humana (2:16)

3. Traços de sua biografia

- . Uma biografia de Cardenal (4:122s)
- . Formação acadêmica (2:36)
- . Cardenal na Universidade (2:35)
- . Na Universidade de Columbia (8:45)

. A continuidade dos estudos sacerdotais no México e Colômbia (2:42)

Abaixo temos outros eixos que foram escolhidos, e que seguiram a mesma dinâmica dos anteriores que exemplifiquei.

4. Obras publicadas
5. A experiência da conversão
6. Sua vida na Trapa
7. O influxo de Merton e a convivência com Merton
8. A fundação de Solentiname
9. Sua incursão na luta política
10. Sua retomada da reflexão sobre a mística
11. Uma experiência erotizada de Deus
12. Extras

Ainda que de forma bem sintética, busquei apresentar pela primeira vez, depois de tantos anos, o método de trabalho que marcou meus anos de atividade acadêmica. Nunca tinha feito isso de forma mais sistemática, embora os orientandos que passaram por meu caminho conseguiram captar muito bem esse método, cada qual fazendo suas inserções criativas e modificações peculiares. E tudo deu muito certo. Reconheço com grande alegria que os frutos dessa opção metodológica foram alvissareiros, e posso verificar no caminho seguido por meus orientandos as marcas positivas desse longo empenho. Daí ter resolvido deixar por escrito algo a respeito, para servir de ajuda ou apoio a outros que pretendem seguir esse belo caminho de vida.



Faustino Teixeira. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais - PPCIR-UFJF. É doutor e pós-doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. É autor de *Caminhos da mística* (São Paulo: Paulinas, 2018), *Em que Creio Eu* (São Paulo: Terceira Via, 2017), *Finitude e Mistério. Mística e Literatura Moderna* (Rio de Janeiro: Mauad, 2014). Também organizou, entre outros, *Nas teias da delicadeza* (São Paulo: Paulinas, 2006), *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas* (Petrópolis: Vozes, 2006), este em parceria com Renata Menezes, e *As orações da humanidade* (Petrópolis: Vozes, 2018), em parceria com Volney Berkenbrock.

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feministas: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 04 *Emani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Klipp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Edison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krischke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacobá Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nisia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 32 *À meia luz: emergência de uma Teologia Gay* – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Edison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evi-lázio Teixeira
- N. 51 *Violenças: O olhar da saúde coletiva* – Éilda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesseling
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desemprego na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoece: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke

- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes*, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campepinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Mochila* – Octávio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Biótica* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnologia* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Mariângela Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montano
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baio
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminoti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascuo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexões na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljénitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borja da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta

- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greycy Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lokmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pomalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasseman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsetto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariéles Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Torgo Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ângelo Flach

- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Elul* – Jorge Barrantes-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelson Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação* – Alejandro Rosillo Martinez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flickinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduardo Franco
- N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
- N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesús Conill Sancho
- N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
- N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxebarria Mauleon
- N. 227 *Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
- N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
- N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho
- N. 232 *Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul* – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 *Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança* – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 *O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira* – Róber Humet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 *Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945)* – Mozart Lihnires da Silva
- N. 236 *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters
- N. 237 *Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação* – Halina Macedo Leal
- N. 238 *O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?* – Leandro Inácio Walter
- N. 239 *Brasil: A dialética da dissimulação* – Fábio Konder Comparato
- N. 240 *O irrepresentável* – Homero Santiago
- N. 241 *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 *Uma crise de sentido, ou seja, de direção* – Stefano Zamagni
- N. 243 *Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão* – Dirce Koga
- N. 244 *A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal* – Alexandre Filardi de Carvalho
- N. 245 *Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo* – Moysés da Fountoura Pinto Neto
- N. 246 *O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo* – Andrea Fumagalli
- N. 247 *Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo* – Dora Lília Marin-Díaz
- N. 248 *Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia* – Roberto Romano
- N. 249 *Jesuitas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980)* – Iraneilson Santos Costa
- N. 250 *A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet* – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 *Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira* – Francini Lube Guizardi
- N. 252 *A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade* – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 *Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades?* – Vinicius Nicastro Honesko
- N. 254 *Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva* – Jean-Bosco Kakzi Kashindi
- N. 255 *Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles* – Marcelo Castañeda
- N. 256 *Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira* – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 *Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização* – Altair Sales Barbosa
- N. 258 *O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder* – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 *Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical?* – Moysés Pinto Neto
- N. 260 *Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre?* – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 *Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo* – Henrique Costa
- N. 262 *As sociabilidades virtuais globalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife* – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 *Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira* – Sauro Bellezza
- N. 264 *Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS)* – Stela N. Meneghel
- N. 265 *Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum* – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 *Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos* – Aline Albuquerque
- N. 267 *O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil* – Giuseppe Tosi
- N. 268 *Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia?* – Alana Moraes de Souza
- N. 269 *A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente* – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 *O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna* – Viviane Zaremski Braga
- N. 271 *O que caminhar insano sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza* – Flavio Williges
- N. 272 *Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana* – Rafael Lopez Villaseñor
- N. 273 *Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira* – Celso Gabatz
- N. 274 *Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo* – Acacium Oliveira

- N. 275 *Tendências econômicas do mundo contemporâneo* – Alessandra Smerilli
- N. 276 *Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord* – Atílio Machado Peppe
- N. 277 *O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social* – José Roque Junges
- N. 278 *Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo* – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Murj Scalco
- N. 279 *O mal-estar na cultura medicamentalizada* – Luis David Castiel
- N. 280 *Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia* – Alain Gignac
- N. 281 *A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual* – Mário José Maestri Filho
- N. 282 *A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo* – Angela Ganem
- N. 283 *Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome* – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 *Renda básica em tempos difíceis* – Josué Pereira da Silva
- N. 285 *Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras* – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 *O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço* – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 *A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk* – Itamar Soares Veiga
- N. 288 *Para arejar a cúpula do judiciário* – Fábio Konder Comparato
- N. 289 *A Nova Providência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira* – Mari-linda Marques Fernandes
- N. 290 *A Universidade em busca de um novo tempo* – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 *Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo* – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 *As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras* – Aloir Pacini
- N. 293 *Mudança de paradigma pós- crise do coronavírus* – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 *O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî* – Faustino Teixeira
- N. 295 *Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um institucionalismo que não é para valer* – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 *O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade* – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 *Escatologias tecnopolíticas contemporâneas* – Ednei Genaro
- N. 298 *Narrativa de uma Travessia* – Faustino Teixeira
- N. 299 *Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver* – Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 *Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução científica na análise econômica* – Armando de Melo Lisboa
- N. 301 *Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular* – Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 *Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas* – Renata Tomaz
- N. 303 *A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre* – Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 *Ártico, o canário da mina para o aquecimento global* – Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 *A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa* – Aline Weschenfelder
- N. 306 *Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas* – Rosana Batista Almeida
- N. 307 *História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança* – Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 *Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martin-Baró, Ricoeur e Nietzsche* – Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 *Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental* – Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 *A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo* – Vladimir Lacerda Santafé



UNISINOS